

NOVO JORNALISMO: A NOTÍCIA CONTADA POR TOM WOLFE, ASPECTOS E CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO

ELAINE SCHMITT - UNESPAR²⁶

INTRODUÇÃO

Fruto dos anos 1960, quando as novas experiências estavam ligadas à percepção do mundo, encontra-se o Novo jornalismo. Um gênero cujo estilo de escrita carrega aspectos relativos aos da literatura e preocupa-se com a estética textual. Neste período de movimentações contraculturais norte-americanas, muitas das produções feitas sofreram influências, entre elas, a forma de fazer e entender o jornalismo.

As primeiras aparições do Novo Jornalismo foram em revistas americanas como a *Esquire*, a *Time* e jornais como o *Herald Tribune*. Mesmo sendo reportagens longas, elas eram leves de se ler e soavam como simples histórias. Muitas continham diálogos e divagações sobre temas nunca publicados em jornais respeitados por sua seriedade. Estes fatos de “não-ficção” continham uma estrutura diferente do jornalismo convencional, assemelhando-se a um conto ou um romance. Porém, características como essas faziam com que a veracidade dos fatos dificilmente fosse aceita, justamente pela maneira como eram contados.

Segundo Tom Wolfe (2004), que foi um dos expoentes do gênero, algumas dessas características fizeram com que o meio jornalístico e o público desconfiassem do novo estilo. “A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética”, afirma ele (2004, p. 22).

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Conhecer historicamente o Novo Jornalismo, amparando seu surgimento no contexto social, e dando ênfase para o jornalista Tom Wolfe. É objetivo também, apontar os elementos primordiais da construção e produção prática do gênero.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Apurar o histórico do Novo jornalismo, desde o seu surgimento até o momento de seu maior destaque;
- b) Introduzir o histórico e a obra “Teste do Ácido do Refresco Elétrico” do jornalista Tom Wolfe.
- c) Apontar as características principais do Novo Jornalismo enquanto estilo de escrita e fonte de informação.

²⁶ Formada em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV). Especialista em História, Cultura e Representação pela Universidade Estadual do Paraná/Campus FAFIUV. E-mail: elaineschmitt90@hotmail.com

METODOLOGIA

Primariamente foi preciso fazer um levantamento histórico sobre o gênero para entender seu contexto social e conhecer os sujeitos que estavam envolvidos com este tipo de produção jornalística. Para isso foi apurado um estudo sobre a imprensa *underground* e demais estilos de escrita jornalística que estavam tomando destaque em 1960, como o jornalismo *Gonzo*. Na imprensa *underground*, a principal experiência foi o *San Francisco Oracle* do editor Allen Cohen, que possuía uma diagramação exagerada, com capas de art-nouveau. Este logo se tornou o mais famoso periódico *hippie*. Suas matérias possuíam todos os traços do Novo Jornalismo, do mesmo modo que Truman Capote, Tom Wolfe, Hunter Thompson e Norman Mailer estavam fazendo.

Em seguida foi escolhido o jornalista Tom Wolfe, entre tantos outros, para representar o gênero. Wolfe trabalhou em diversos veículos como o jornal *Herold Tribune* e a revista *Esquire* dos Estados Unidos, onde já desenvolvia seu estilo de escrita único. Mas a partir de um momento desejou ter a experiência de escrever um livro. Segundo Weingarten (2010), ele queria um projeto de “não ficção épico com uma narrativa cativante como centro”. (p.123) Aproveitando o ambiente que tinha a sua volta, do ápice da contracultura americana, Wolf resolveu escrever sobre os ideais de um grupo de *hippies*. Em o *Teste do Ácido do Refresco Elétrico*, Wolfe se preocupa em fazer com que seus leitores consigam “viajar” com os *hippies* de São Francisco durante as longas horas em que se encontravam entorpecidos por drogas como maconha, metanfetamina, LSD, entre outras substâncias abordadas por ele, que conduzem aos intensos fluxos de pensamentos narrados. A distribuição de palavras e a pontuação abusiva são usadas pelo jornalista com frequente naturalidade, fazendo parecer que somente dessa forma seria possível passar para o papel os pensamentos e ideais de seus personagens.

Aqui são apresentadas as características do Novo Jornalismo, como o recurso da descrição cena a cena. Descrever lugares, horários e imagens passageiras não era o bastante para o novo jornalista. Assim, ele passeia pela notícia, contando caso a caso, literalmente cena a cena, “recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica” (Wolfe, 2004, p.54). Cada acontecimento dado no momento da captação da notícia é detalhado como em um roteiro de cinema.

Para construção da descrição cena a cena é indispensável utilizar outro recurso que torna a narrativa mais verdadeira: a transcrição de diálogos. Quando o repórter transmite em sua matéria um diálogo que teve com seu entrevistado, ou um diálogo que observou, o leitor cria proximidade com o personagem e estabelece as características e personalidade dele. Além disso, a transcrição de diálogos torna a leitura agradável e facilita a identificação do leitor com o fato. Wolfe acredita que esse é o melhor recurso para fazer o leitor ter contato com o personagem em questão, com eficácia e realismo.

Como próxima etapa foram utilizados pensamentos de Schopenhauer (2005), que defendeu a produção de uma literatura e filosofia diferenciada, que contrapõe às características vigentes o seu próprio estilo, a sua maneira de pensar e de usar a língua. Esse livre pensar, que usa a experiência como forma de aprendizado e não a leitura, como exemplifica o autor, é tratado como princípio dos “promotores da espécie humana”, considerados como aqueles que “leram” as ideias diretamente do livro do mundo. Outro pensador utilizado foi Walter Benjamin (2011) ao emprestar seu conceito de narrador entendido não apenas como um relator, mas como um participante ativo, um homem contemporâneo que está no centro de suas experiências e causa interesse em ser conhecido por ser difusor de experiências. Assim seriam os novos jornalistas, que trouxeram para a imprensa a difusão do romance com a informação, que em geral era pobre de histórias surpreendentes, e revolucionaram as bases do texto jornalístico, tornando-se retratistas dos ideais libertários dos Estados Unidos nos anos 60. Para Benjamin, a razão desta pobreza nas produções jornalísticas se deve ao excesso de explicações que acompanham o fato e que não concede ao leitor a liberdade de interpretar a história como quiser.

RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como principal característica o mergulho total no tema, seus escritores descobrem que não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade e presença. Naquele momento pontos específicos dos EUA como a Califórnia, transformam-se em “laboratórios coletivos de experiências extremadas”, que começavam uma ruptura com tudo o que representasse o *status quo* de valores e modos de vida.

Mesmo sem existir uma definição concreta de jornalismo essencialmente contracultural, o Novo Jornalismo se aproxima do posto devido espírito utópico moderno e une a rebeldia que emanava dos *beats*, *junkies*, e *hippies*, para retratar acontecimentos que incomodavam.

A contracultura, enquanto expressão social e histórica, e o Novo Jornalismo como fenômeno estético literário, possuem, além da coincidência cronológica, muitas coisas em comum. A contracultura é fruto de um desencantamento com o *american way of life* do pós-guerra nos EUA. O Novo Jornalismo é um fenômeno que diz respeito à *imprensa underground* nos EUA, na década de 1960, e confere o envolvimento entre jornalismo e literatura já experimentados por autores já citados. Ambos construíram história, seja pela tentativa de reencantar, de experimentar ou pela forma peculiar de narrar momentos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

WOLFE, T. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2004

_____, T. **O Teste do Ácido de Refresco Elétrico**. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.

WEINGARTEN, M. **A turma que não escrevia direito**. Rio de Janeiro: Record, 2010.